

REDACÇÃO PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambre, 58-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Tathaba-Lisboa — Telefone 5389 C.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Não há escravatura...

O sr. governador de S. Tomé participou para o ministério das colónias que a escravatura não existe naquela província. Fica assim desfeita uma calúnia, com o que não só se salvaguarda a honra do bom nome do sr. governador como se enaltecem os altos dotes de carácter dos comerciantes e roceiros daquela ilha. Está bem. O sr. governador disse que não havia escravatura e nós submetemos os nossos créditos. E' uma autoridade que faz tal declaração e com uma autoridade não se discute. Se amanhã o sr. comissário dos abastecimentos disser que terminou a carência da vida quem usaria nega-lo?

Ora, há bem umas duas ou três dezenas de anos que se desmente oficialmente a existência da escravatura. A alguém que desejou levantar, há anos já, uma campanha contra a escravatura, contra a forma desumana como os negros eram tratados em S. Tomé, foi oferecido dinheiro para se calar. Uma campanha para quê? Não terminara, de facto, a escravatura?

A escravatura terminou. Os governos tem feito leis sobre o caso; em S. Tomé existe um curador para cuidar dos interesses dos negros, verificar o cumprimento dos contractos, etc. O sr. Ferreira da Rocha tornou uma verdade, um facto palpável, indiscutível, a velha frase: *preto também ser gente*. Que mais é preciso? Portanto a escravatura não existe...

S. Tomé, segundo se diz, é uma província próspera, das mais prósperas de Portugal. Para lá embarcam muitos analfabetos e de lá voltam, ao fim de meia dúzia de anos, de grossa corrente de ouro atravancada de berloques, falando das suas propriedades e de bofetadas célebres aplicadas no rosto de serviços possantes. E' claro que a escravatura não existe. O analfabeto enriqueceu por milagre e as bofetadas são simples incidentes...

Antigamente, não há muitos anos, quando o roceiro queria pessoal que lhe trabalhasse a terra — comprava-o. Fazia vir, geralmente de Angola, o número de homens que necessitava, pagando por eles uma determinada quantia. Isto é comprar gente, isto é escravatura. Os ingleses, não por intuídos humanitários, mas porque o cacau de S. Tomé lhes fazia concorrência, fizeram correr por esse mundo que em S. Tomé se exercia a escravatura, e que o cacau português era *cacau de escravos*. Então os roceiros portugueses indignaram-se na metrópole os corações pulsaram de patriotismo. «Não, os portugueses sempre foram contra a escravatura; as autoridades portuguesas jamais consentiriam em semelhante infâmia». E os roceiros de S. Tomé passaram a chamar a compra o vanda de negros, uma palavra mais sentimental, que não modificando os factos, os deformava nos olhos de quem está longe. *Resgate* foi a palavra que então se adoptou para designar o comércio de escravos.

Porém, nós não entendemos só por escravatura o simples acto de comprar e vender um homem. Se a essa compra, que passou a chamar-se *resgate*, se der um aspecto de contracto, nós, que não nos fludimos com o *resgate*, também não nos deixamos enganar com o *contracto*. Esses jogos malabares de palavras mais ou menos bonitas assentam sempre sobre um fundo de injustiça, que combatemos a outrance. O que nos importa saber é se ao homem é dada a consideração que o homem merece; se ao trabalhador incansável é reconhecido e premiado com justiça o seu trabalho. Mas nem o serviço de S. Tomé é tratado com consideração nem o seu trabalho é pago como deve ser. Isto, quanto a nós, é escravatura. Talvez o sr. governador de S. Tomé o não considere assim. Por isso comanica para a metrópole que não existia escravatura.

Os contractos que vieram após

o desaparecimento do *resgate*, são, na maioria dos casos, uma ratoeira para o negro. Por intermédio da Sociedade de Emigração para S. Tomé e Príncipe (sociedade constituída pelos roceiros) requisita o agricultor o número de trabalhadores necessários ao amanho das suas terras. A Sociedade de Emigração obtém, não sabemos bem de que maneira, em Angola, esses trabalhadores, que fazem um contracto de trabalho com o agricultor. O prazo desse contracto é de quatro anos, salvo erro, período que pode ser renovado se ambas as partes contratantes assim o entenderem. O agricultor tem geralmente interesse em conservar o serviço, porquanto a sua substituição acarreta despesas que convém evitar. Se há alguém que tenha interesse na terminação do contracto é o trabalhador, que regressa à terra natal, ao meio onde melhor se dá. Porém, os negros, analfabetos, ingenuos, ignorantes, enganam-se facilmente. Eles não possuem nitida a noção do tempo, sucedendo terminar o prazo do contracto sem que eles deem por tal. Quando algum mais esperto exige, ao fim dos quatro anos de trabalho, a sua repatriação, acontece, não sabemos por que artes mágicas, ser o seu contracto renovado. As vezes, numa roça, um grupo de navios (indivíduos que vieram no mesmo navio para S. Tomé, contractados, portanto, ao mesmo tempo) termina o seu contracto. O roceiro mostra-se, nesse dia, amável, distribui aguardente grátis, oferece uns panos para renovar os trapos que vestem. Quando os negros se encontram no auge da alegria, o curador (veja-se *Alma Negra*, publicação acerca da escravatura em S. Tomé, que fez escândalo na metrópole) dirige-lhes perguntas neste género: «Ouve lá, tu queres ficar com o teu patrão, não é verdade?»

Os negros, que não compreendem bem a que propósito vem semelhante pergunta, e ainda por que a sua alegria, a sua embriaguez, a aguardente e os panos amavelmente oferecidos, os impedem de odiar o patrão que os explora, respondem quasi sempre que não querem abandonar a roça. E o curador faz fé por estas respostas — recontrata-os. Não diremos que todos os curadores colaborem nestas patifarias, mas a maioria não pode resistir aos presentes, às luvias, à rede de corrupção que os proprietários lhes lançam. Se o curador é honrado, os comerciantes e agricultores arranjam maneira de se descartar desse vigia incómodo.

Quando a remuneração de trabalho, muito teriamos que conversar. Actualmente não sabemos quanto auferem os trabalhadores, que das seis da manhã às seis da tarde emprega todo o seu esforço na faina rude da cultura do cacau e do café. Há três anos, porém, ganhavam três escudos por mês! A alimentação consta de arroz, banana e pouco mais.

O clima é mau, tanto para os brancos que vão daqui, como para os negros que veem das outras províncias ultramarinas. Porém, os brancos andam geralmente à sombra, exercem trabalhos mais leves; ao passo que os negros trabalham violentamente ao sol.

O sr. governador diz que não existe escravatura. Está bem. O sr. governador é uma autoridade, e com uma autoridade não se discute. Nós gostávamos, no entanto, que o sr. governador nos dissesse o nome por que havemos de designar isso que há lá por S. Tomé...

Na Austrália

Está imminente uma greve geral dos ferroviários

LONDRES, 28. — Se não forem satisfeitos os pedidos dos ferroviários da Austrália Ocidental até ao dia 31 de Dezembro, haverá greve geral em todo o país. A concessão dos pedidos aumentará os encargos de um milhão de libras esterlinas. — *Rádio*.

TRABALHADORES. Lede e propague

TRABALHADORES. A BATALHA

NOTAS & COMENTÁRIOS

A imprensa

Upton Sinclair publicou ultimamente um livro a respeito da imprensa *The Brass Check*. Nele se conta que um velho jornalista, John Swinton, editor da *New-York Tribune*, respondendo, num banquete que lhe fôra oferecido pelos seus colegas, a um brinde elevado à imprensa independente, assim falou:

«Não há na América coisa que se pareça com imprensa independente, excepto nas pequenas vilórias da província. Sabei-vos e sei-o eu. Não há entre vós ninguém que ouse escrever honestamente as suas opiniões, e se honestamente as suas opiniões, pagam-me cento e cinquenta dólares por semana para eu não escreva honestamente as minhas opiniões no jornal em que me emprego. Muitos dentre vós recebem salários equivalentes por uma atitude semelhante. E o que fôsse suficientemente tolo para escrever honestamente as suas opiniões ficaria na rua em busca de outro emprego. A tarefa do jornalista de New-York consiste em destruir a verdade, em mentir sem rubor, em prever-se, em envilecer-se, em prostrar-se aos pés de Mammon, em vender a sua raça e o seu país em troca do pão cotidiano. Sabei-lo e sei-o eu, que loucura não é pois essa de levantar um brinde à imprensa independente! Nós somos o brinquedo, os vassallos dos ricos que estão por trás da cortina. Somos fantoches: eles puxam os cordões e nós dançamos. Os nossos talentos, as nossas possibilidades e as nossas vidas, tudo isso é propriedade de outros homens. Somos uns prostituídos intelectuais».

A cara enjoadada, que não mostrariam os tais do brinde em face de tais desastrosas afirmações! O jornalismo é também, em Portugal, tal qual o pintou Swinton. Com a diferença única de que as empresas lusas, para obterem um bom *prostituído*, como lhes chama o confrade americano, não necessitam de gastar cento e cinquenta dólares semanais nem coisa parecida. Dispõem muito menos — e estamos em dizer que ficam melhor servidos. Pelo menos ainda não appareceu nenhum Swinton a pôr tudo em pratos limpos.

No Japão

O Japão é um lindo país, muito curioso e muito progressivo. Sobre tudo muito progressivo. O japonês já vai vestido a europeia, já fuma, já bebe e até já come à mesa. Um país muito adiantado. O professor Morite, da Universidade Imperial, lembrou-se de fazer publicar, num magazine onde colabora, um artigo sobre a *acção social de Kropotkin*. Tratava-se dum estudo de natureza absolutamente científica. Pois vai lá, prendem o autor, julgam-no e condemnam-no a três meses de prisão. Os colegas do professor Morite puzeram-se incondicionalmente a seu lado. Mas a corte do Mikado reputou extremamente criminoso a divulgação do socialismo, mesmo sob a forma de averiguação científica. Um país próspero e progressivo, o Japão, já possui canhões de modelo germânico e já o seu governo procede dum maneira que faz lembrar a Europa diabólicamente...

Um drama

Tem doze anos. Família, a mãe e um irmão mais velho. Lar de pobreza, lar de miséria. Tam novinho ainda, mas já consumia os dias a trabalhar de aprendiz numa oficina, para auferir uns cobres míseros que minorassem um pouco a penúria da casa. Eis se dá por um roubo na oficina, causa de nada aliás, uns cartões de pouco custo e nenhuma valia. Quem foi quem não foi, assentou-se em que teria sido o rapazinho. Mandou o patrão que o prendessem e lá o levou a polícia para um calabouço do governo civil. Esteve preso cinco dias, durante os quais se não cansou de protestar a sua inocência. Não o acreditaram, antes o moeram com interrogatórios e insultos. Nem diante duma criança os janizários policiais moderaram o assaltado trato. Quiz o acaso que fôsse descoberto o verdadeiro culpado. Só depois de detido este, foi posto em liberdade o desditoso rapaz. Acorre a casa, cheio de fadiga e de fome, pois que a aflição quasi lhe não permitira comer durante os dias de encarceramento. Chega, se que encontra? A porta fechada, a casa silenciosa e deserta. Uma vizinha o informa. A mãe morrera, num daqueles cinco dias de tortura. Finara-se de desgosto a filha, ao ter conhecimento da prisão do filho. O irmão desaparecera, levando tudo, deixando a casa vazia, desesperado contra o pequeno mártir, que supunha culpado de todas as desgraças sucedidas. Só, conservando ainda na alma o amargor duma prisão que não merecera, fulminado pelas notícias que acabavam de dar-lhe, aque fazer e onde ir? Não ocorreu ao infeliz rapazinho outro expediente senão o de procurar a polícia, e lá appareceu no posto do Teatro Nacional, na noite de anteontem, o rosto banhado em lágrimas, descalço, encharcado até aos ossos, da chuva persistente que caía. A modos que entre a polícia se abriu que, que rendeu o bastante para de momento matar a fome ao rapazinho. E agora se espera que alguma «alma caridosa» algum «coração bem formado» queira tomar a seu cargo a inocente vítima. Entrementes, o patrão que o mandara prender sem ter avariado da sua culpabilidade, dando assim origem à morte de sua mãe e ao desmantelamento do seu desconfortável ninho, continuará tranqüilo o negócio rendendo dos cartões, e ninguém se lembrará de exigir-lhe que remedie, no que elas tem de remediável, as consequências tristes do seu precipitado gesto de usurário. Vivemos, sem contestação, na melhor das sociedades.

DEBATE DE OPINIÕES

A Confederação do Trabalho e a direcção da vida social

Mais duma vez se tem apresentado à apreciação do nosso critério a discussão da seguinte tese:

«Deve a C. G. T., logo que se lhe apresente o ensejo favorável, assumir a direcção da vida social em todos os seus aspectos: o administrativo, o das relações exteriores, o da segurança pública, etc., etc.»

Sabem os leitores de *A Batalha* qual a nossa resposta a esta pergunta lendo o artigo *O sindicalismo apto a governar*. Entretanto, tem-se afirmado que entre os indivíduos que compõem o conselho confederal da C. G. T. não existe homogeneidade de pensamento político. E' assim em teoria. De verdade, o conselho confederal é composto de socialistas das diferentes escolas. E não admira que assim seja, sabendo-se que a escolha dos delegados à C. G. T. é feita, em regra, por uma dupla selecção — a do sindicato para as federações e a destes organismos para o organismo superior. Existem as divergências de escola, mas são todos socialistas. Mostrámos já no artigo *A frente única dos socialistas* que uma revolução de carácter sindicalista não estorva a união dos adeptos das três escolas, antes todos eles encontram vantagens na sua realização. No artigo *O sindicalismo apto a governar*, também mostrámos que só o sistema sindicalista pode vingar porque o colectivo não tem razão de ser uma vez feita a revolução, visto que as divergências entre estas duas escolas residem apenas nos meios de luta e não nos fins a atingir e porque o comunista-anarquista baseia toda a sua possibilidade de triunfo numa preparação moral e intelectual que está longe ainda de realizar-se, mas que sem dúvida o novo sistema sindicalista se esforçará por conseguir.

E' pois lógico supor que as divergências surgirão apenas, no conselho confederal, quanto a questões de detalhe, quanto a *modus faciendi* que implica sempre a solução dum problema. Sendo uma assembleia de socialistas, deve evidentemente produzir obra socialista, o que não seria possível se fôsse composta de elementos heterogêneos quanto ao fundo doutrinal.

A obra política e a transformação económica a realizar incumbem essencialmente aos sindicatos que terão de tomar posse da terra, das fábricas, das oficinas e, enfim, de todos os instrumentos de produção e circulação da riqueza, coordenados estes esforços pelas uniões sindicais, pelas federações de indústria e pela C. G. T.

Para os que conhecem bem o nosso movimento sindical não é segredo que a organização de sindicatos, federações e uniões locais, é ainda muito deficiente e, o que é pior, os organismos essencialmente políticos — as uniões locais não correspondem pela sua organização e localização a nenhum objectivo de realizações e não se subordinam a nenhum plano de divisão administrativa. Com muita razão e acerto pensa o actual secretário da C. G. T., Manuel Joaquim de Sousa, em fixar as uniões locais apenas nas capitais de distrito. O pensamento geral seguido até agora tem sido organizar as uniões locais nas sedes de conselho contrapondo a sua acção à das câmaras municipais, função que, diga-se em verdade, não foi ainda compreendida. Não sofre dúvida que sendo as uniões de sindicatos organismos essencialmente políticos, a sua localização deve determinar-se em conformidade com o plano de divisão administrativa a estabelecer. Porque jámais haverá possibilidade de criar uma união local em cada concelho, sabendo-se que na sua quasi totalidade os concelhos não tem o número de indústrias suficientes que determinem a criação de outros tantos sinicatos. O projecto de Manuel

Joaquim de Sousa só tem o inconveniente de não aproveitar alguns centros industriais importantes como são Setúbal, Tomar e Covilhã, que não são capitais de distrito.

Julgo pois que seria acertado localizar as uniões de sindicatos nas seguintes cidades: Braga, Vila Real, Porto, Coimbra, Vizeu, Covilhã, Lisboa, Setúbal, Portalegre, Évora, Faro, Funchal e Ponta Delgada, correspondendo a outras tantas províncias: Minho, Trás-os-Montes, Douro, Beira Marítima, Beira Alta, Beira Baixa, Extremadura Setentrional, Extremadura Central, Extremadura Meridional, Alto Alentejo, Baixo Alentejo, Algarve, Madeira e Açores. Assim, a organização sindical com uma função política adaptava-se desde já à divisão administrativa que se pretende efectuar.

Rosta determinar o que há a fazer quanto às freguesias e aos concelhos.

Estes organismos, as juntas de freguesia e as juntas municipais, sujeitos ao *contrôle* das uniões de sindicatos, occupar-se-iam de funções meramente administrativas. Em sua partidária da máxima descentralização de serviços, mas entendendo por isso mesmo que deve ser modificada a estrutura destes corpos administrativos de modo a não dar lugar à predominância dos partidos e a fazer-se administração no bom sentido da palavra e não política de grupos, qualquer que seja a natureza destes. Para isso disponha-se que as juntas de freguesia e as juntas municipais sejam eleitas por sufrágio directo em lista uninominal. A descentralização dos serviços em Lisboa e Porto deve ir até ao alargamento das atribuições das juntas de freguesia, confiando-se-lhes muitos dos serviços actualmente a cargo das câmaras municipais.

O nosso intuito, deixando as freguesias e os municípios à sorte do sufrágio, sem nenhum sofisma que assegure o triunfo ou sequer a predominância dos socialistas nesses órgãos de administração pública, é chamar à actividade das funções públicas de administração local o maior número de vontades e de valores. Haverá socialistas que se assumem com este despreendimento e desinteresse, recendo que certos serviços, como a instrução e a assistência, se desviem do critério socialista que é necessário imprimir-lhes. O receio é infundado. Os serviços de instrução quanto a métodos de ensino, material escolar, edificações escolares, etc., serão em todo o país orientados pela Federação do Ensino e os serviços de assistência e hospitalização, etc., pela Federação de Saúde.

Sobretudo não se esqueça que nos estamos referindo a um regime regular de governo sindicalista que há de necessariamente ser precedido por um período ditatorial, mais ou menos dilatado, conforme o indispensável a pôr a casa em ordem.

Há questões fundamentais como a socialização dos meios de produção, a gestão sindical das indústrias e a anulação do liberalismo comercial que não podem deixar de ser feitas em ditadura, pois constituem a razão de ser do novo sistema social.

J. Carlos RATES.

AMANHÃ:

A ditadura é inevitável?

Artigo de Emilio Costa

Partido Comunista Português

A comissão nomeada numa das últimas assembleias realizadas por elementos avançados, na Associação dos Calveiros, reuniu ontem, a fim de cumprir o seu mandato. Aproveitou por unanimidade a denominação de Partido Comunista Português para o novo organismo.

Foi discutido e aprovado o programa político do partido, devendo ser apreciada na próxima reunião a lei orgânica que há de servir de base para a inscrição dos aderentes.

ORGANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA MOBILIÁRIA

O I CONGRESSO NACIONAL

Iniciou os seus trabalhos em Coimbra

(Do nosso enviado especial)

De Lisboa a Coimbra

COIMBRA, 28. — A manhã de ontem apresentou-se pouco convidativa a viagens, em virtude do dia se mostrar bastante brumoso. Se não fosse a missão que temos a cumprir: acompanhar, como enviados de *A Batalha*, os trabalhos do 1.º Congresso da Indústria do Mobiliário, decerto não empreenderíamos... o passeio.

Pouco depois das 9 horas da manhã, começamos chegando à estação do Rossio as camaradas congressistas de Lisboa, bem como o secretário geral da C. G. T. Trocados os cumprimentos banais, expostas rapidamente as razões dos retardatários, fômo-nos acomodando num compartimento de 3.º, à falta de 4.º, e às 10 em ponto o comboio partia.

Como é natural, durante a viagem discutiram-se os assuntos que estão na ordem do dia: a frente única e o debate de opiniões que de há dias *A Batalha* vem publicando sobre uma nova tática e as opiniões expandidas pelos militantes que nessa discussão tem entrado.

A viagem decorreu sem incidentes, recaindo depois a conversação sobre os trabalhos do Congresso a realizar, de notando-se da parte de todos os que nele vão tomar parte a melhor vontade para que dele resultem melhores dias para a classe mobiliária e para a organização operária portuguesa.

Escusado será dizer que os militantes da indústria mobiliária de Lisboa tem sido incansáveis e perseverantes no sentido de congregar os esforços de todos os camaradas para que, em breve, seja coroada de êxito a sua acção.

Chegámos a Coimbra, estação nova, às 16.15. No curto trajeto desde a estação velha, foram companheiros de viagem três sargentos: um da guarda e parece que dois de infantaria. Entre alguns camaradas de Coimbra, que nos haviam ido esperar, e vários congressistas, discutia-se a nova tática e os artigos que Rates e outros camaradas tem publicado na *Batalha*.

Os militantes ouviam silenciosamente, num misto de inconsciência e admiração, e, à luz mortua que se espalhava pelo compartimento, surpreendiamos-lhes caras de poucos amigos... Entre si iam discutindo altas questões de cavalos, muires, horas de rancho — aquela conversa banal de caserna.

A fisionomia de Coimbra é a mesma, senão pior, que há 5 anos tivemos ocasião de observar quando aqui viemos ao Congresso Gráfico, como delegado da Liga das Artes Gráficas de Viana-do-Castelo. Não sabemos se foi por entrarmos com uma chuva minúscula, impertinente, como então, que ficámos assim impressionados. Perdoem-nos os seus habitantes, mas Coimbra, a decadente terra de amores e de poetas, das guitarradas e dos descantes ao luar, apresenta-se-nos cheia de lama, sem luz, com risco de, ao menor descuido, quebrarmos as pernas, uma imitação à capital do país, onde qualquer dos casos apontados se manifesta vergonhosamente.

A não ser que seja poesia a gente meter os pés em poças e enlamear o calçado e o fato. Será na verdade muito poético... mas pouco cómodo, e nos tempos que vão correndo calçado e fato estragados só dão resultado aos detentores de tais riquezas...

A chuva minúscula persegue-nos e somos forçados a não admirar o Mondego, a luz pálida da lua, que lá de cima nos faz pirraças, escondendo-se constantemente.

O dia de hoje apresentou-se um pouco melhor. O sol deu-nos o prazer de se mostrar, modificando-se assim o aspecto da cidade, talvez para nos arrear na opinião que formuláramos já a seu respeito.

A primeira sessão

Pelas 13 horas foi dado início à primeira sessão do Congresso.

Constituíram a mesa os membros da respectiva comissão organizadora, camaradas Alfredo Marques, José da Silva Santos Arranha e José Martins Grilo.

Alfredo Marques, abrindo o Congresso, refere-se ao significado da reunião a que se ia dar início, do qual inevitavelmente sairá uma nova estrutura para o operariado da indústria mobiliária, lamentando que não estivessem representados todos os organismos do país, como era desejo da comissão organizadora. Porém, espera que todos os presentes, regressando às suas localidades, façam o possível por que seja levanta a organização dos mobiliários portugueses para que a Federação seja um facto, dando assim mais força à C. G. T., demonstrando-se que os operários da indústria mobiliária portuguesa possuem uma consciência.

Seguidamente é nomeada a comissão revisora de mandatos, composta das camaradas Artur José de Brito, do Sindicato Unico Mobiliário do Porto; Alfredo da Silva, do Sindicato Unico Mobiliário de Coimbra, e José Fernandes Ramos Júnior, da Associação de Classe dos Marceneiros Valboenses, de Valboense.

Depois é suspensa a sessão para aquela comissão dar parecer, verificando-se que estão representados 9 organismos por 15 delegados, faltando a representação dos Sindicatos de Braga e Guimarães, o primeiro justificando a sua

falta por telegrama, do segundo ignorando-se o motivo da ausência, havendo, porém, razões para supor que não tivesse chegado a tempo de comparecer à primeira sessão o respectivo delegado. Verifica-se também que o camarada Maciel Barbosa, do S. U. Mobiliário do Porto, foi substituído pelo camarada António de Almeida Pereira, e que a representação do Sindicato Unico de Faro, pelo camarada António Marvão, não está dentro das normas sindicais, porquanto, segundo a credencial, foi nomeado pela direcção, quando o devia ser pela assembleia geral.

Santos Arranha, pelo Núcleo Mobiliário de Viana-do-Castelo, referindo-se ao parecer na parte referente à representação de Faro, alvitra para que se manifeste o respectivo delegado.

O camarada António Manuel Marvão, delegado de Faro, dá esclarecimentos sobre a sua missão há tempos àquela localidade e a constituição do sindicato, dizendo que, como se trata duma organização nova, por certo desconhecida nas normas sindicais.

O relator, Alfredo da Silva, do Sindicato Unico do Porto, depois de Alfredo Marques se referir também ao assunto, é de opinião que aquele delegado tenha só voto consultivo, ao que se opõem Santos Arranha e Emilio Teixeira, do Sindicato Unico do Porto, dizendo este que em virtude de se reconhecer o desconhecimento das praxes sindicais das camaradas de Faro, o Congresso resolva que o seu delegado fosse aceite nas mesmas condições de todos os outros. O Congresso aprovou esta forma de ver, tomando lugar o delegado de Faro.

A ordem dos trabalhos

Toma posse a nova mesa para dirigir os trabalhos, que ficou constituída pelos camaradas Emilio Teixeira, do S. U. Mobiliário do Porto; Amadeu Neves, do S. U. Mobiliário de Coimbra, e António F. Henriques, do S. U. Mobiliário de Lisboa.

São lidas saudações da U. S. O., de Coimbra, nomeando o camarada Alfredo Soares da Silva, secretário geral, delegado junto do Congresso, e do Sindicato dos Manufactureiros de Calçado de Coimbra. Foi também recebido um telegrama de Braga justificando a falta do delegado.

O regulamento do Congresso foi aprovado, procedendo o camarada Santos Arranha à leitura do relatório da comissão organizadora, que é extenso e bem elaborado, expouso os trabalhos que aquela comissão desempenhou, patrocinada pelo Sindicato Unico Mobiliário de Lisboa, a propaganda directamente feita por todo o país, o estado da industria e das condições morais e materiais em que se encontra o respectivo operariado, da higiene das oficinas, etc. Relata também um incidente havido nos dias próximos ao Congresso, no Sindicato Unico Mobiliário do Porto, o qual havia resolvido não se fazer representar, tendo sido enviado um delegado que tal resolução obedecia à acção perniciosa de vários elementos que pretendem entrar a marcha da organização. Caso idêntico succeia em Valboense, mas a presença do delegado evitou que tal caso se desse numa e noutra localidade.

Sobre o relatório falam Emilio Teixeira, Artur José de Brito e António de Almeida Pereira, delegados do S. U. Mobiliário do Porto, que corroboram as afirmações do relatório na parte que se refere ao incidente, reconhecendo a corrente perniciosa e os trabalhos desorganizadores de alguns elementos da classe naquela cidade, esperando, porém, que essa corrente desapareça, dedicando-se todos, como creem, a um trabalho profícuo.

Falam ainda os congressistas Arranha e Marques, que se referem largamente ao incidente, sendo a sua opinião que a organização mobiliária do Porto devesse saber entrar no verdadeiro caminho sindical.

António Marvão refere-se também ao relatório, assim como José Fernandes Ramos Júnior, de Valboense, que alude às condições do sindicato que representa. Depois de outros camaradas fazerem uso da palavra é aprovado o relatório da comissão organizadora, sendo encerrada a sessão às 17.30.

Os desempregados

Vai ser restringida por um ano a emigração para os Estados Unidos e Canadá

NEW YORK, 28. — O problema dos desempregados assume tais proporções nos Estados Unidos e no Canadá que os respectivos governos estão estudando os meios de restringir a emigração. Nos Estados Unidos já foi apresentado ao congresso um projecto de lei restringindo a emigração por um ano; no Canadá já foi decretado que desde o dia 1 de Janeiro ninguém poderá entrar nos Dominions a menos que não possua 62 libras. A soma requerida antes da guerra era 5 libras. — *Rádio*.

«Chauffeurs» que reclamam

Uma comissão de *chauffeurs* dos ministérios procurou ontem o chefe do Governo, a fim de pedir que lhes seja abonada a ajuda de custo de vida.

A lei do inquilinato e os impostos

Em volta da lei do inquilinato gravitam no actual momento as atenções de muitos que carecem de habitação e que a não possuem como propriedade própria. A lei, pelo que se sabe, não é de estarem dependentes da vontade dos senhorios, que, na sua maior parte, só possuem um pensamento, que consiste no desejo de fazer dinheiro; custe o que custar e doa a quem doer.

Ainda estes dias, quando os jornais trouxeram a notícia de que haviam requerido, no senado, para que fossem aumentados 300 % sobre a contribuição predial, houve senhorios que a cautela foram dizendo aos seus inquilinos, que se preparassem para pagar mais 300 % sobre o respectivo aluguer.

Uma vez, que eles não querem pagar nada, quando o Estado, o município ou as juntas de paróquia, lançam quaisquer impostos aos proprietários, estes, por sua vez, aumentam ao preço dos alugueres as importâncias desses impostos.

A vida enche-se, paga-se mais caro o pão, o azeite, a carne e o petróleo, etc. Pois a propósito disso o proprietário sobe as rendas das casas que possui.

Por esta maneira as casas de habitação são uma mercadoria, cujo preço oscila sempre para cima, e que os inquilinos não obstante terem leis em sua defesa, são forçados a pagar, sob pena de irem para o meio da rua.

Também é caso para maduras reflexões o facto de numa ocasião em que a população dos grandes centros do país, se vê embargada com a gravíssima falta de habitação, haver quem se lembre de sobre elas lançar novos tributos, contribuindo assim para o agravamento dum problema que a todos preocupa e que carece ser tratado com o máximo cuidado e persistência, no sentido de se garantir aos deserdados o direito de viverem dentro de uma casa.

Não sucede, porém, assim, e não sucede por que o Estado carece de dinheiro e, para o obter, não se olha aos meios, nem importa saber se o povo pode ou não pode pagar. E recordarmo-nos nos que ponho mais duma dezena de anos, de cima dos tabuleiros algumas das figuras em destaque no actual regime diziam que o povo não podia nem devia pagar mais!

Uma das causas originárias da carestia das habitações, assim como de todas as outras coisas indispensáveis à vida, é a questão cambial, a carestia das libras, dinheiro em ouro, com que temos de pagar os géneros que adquirimos no estrangeiro, e, salvo a agiotagem que a sua sombra se exerce, o factor principal dessa carestia, assim como é, em

grande parte, a causa dos embargos financeiros da nau do Estado. Sendo assim, a maneira de fazer por fazer às coisas caras é procurar fazer baixar o custo do ouro. Feito isto, estava metade do mal remediado.

Porque será que não se tem lançado mão de medidas tendentes a alcançar-se tal objectivo? E porque existem muitos, ponderosos para muito boa gente, para que tal não suceda, motivos esses que brigam com a estabilidade das fortunas que existem acumuladas nas mãos de muitos felizes cidadãos.

Se o custo das libras se aproximasse do valor real, haveria casas bancárias que iriam à glória, comerciantes que fariam e indústrias que definiriam, razões estas que aconselham os potentados a que façam manter pelo mais largo tempo possível o estado de ruína e miséria em que o povo desesperadamente se debate.

Conclui-se do que se acaba de expor, que a carestia da vida, interessa aos privilegiados, e desde que assim é só sobre estes é que devam incidir os impostos de que o Estado carece para a satisfação dos seus encargos e não sobre o povo, que já há vinte anos, quando ainda tinha camisa, não podia nem de pagar mais.

Diz-se que das casas bancárias saíram os capitais necessários para o desenvolvimento de negócios, de que tem resultado a acumulação de fortunas nas mãos daqueles que neles tem tido ingerência, os quais em nada tem beneficiado o povo, antes lhe tem criado um ambiente de miséria com a especulação mercantil a que se tem devotado. Era, pois, sobre estes que deviam recair os impostos, visto terem sido eles os que tem lucrado com as desventuras do país.

O Estado só cometeria um acto de justiça se obrigasse os que enriqueceram nos últimos sete anos a entregar-lhe metade dessas fortunas e fazendo outro tanto aqueles que há seis anos já tinham fortuna e que daí para cá a duplicaram.

O Estado, procedendo assim, não violava aliás os direitos da propriedade individual; apenas obrigava delinquentes a restituir uma parte do que ao povo tem extorquido impunemente.

Enquanto os filhos do povo, nos campos de batalha da França e da África, perdiam o seu sangue e a sua vida, em defesa da pátria, a parasitagem, entre nós, fazia succumbir de miséria, as famílias daqueles desventurados.

Por tudo isto, quem num meio de tantas anomalias enriqueceu, que pague, que não faz mais do que restituir ao Estado o que arrancou aos seus súbditos. — Um sócio da «Fraternal dos Inquilinos».

As consequências duma loucura

Violentos combates nos bairros excêntricos de Fiume

ROMA, 28. — O jornal D. Quixote descreve como muito mortífera a batalha travada no primeiro bairro excêntrico de Fiume, atingido pelos alpinos. Todas as janelas estavam guarnecidas de numerosas metralhadoras, que abriram fogo sobre as forças regulares. As perdas foram severas dos dois lados.

Numerosas e grandes incêndios devastam as florestas que rodeiam Fiume; numerosas casas foram destruídas, bem como a fortaleza de Valsouriga, durante o bombardeamento do quartel geral de D'Annunzio.

As forças regulares ocupam agora a linha do caminho de ferro de Mattin a Fiume. D'Annunzio votou sobre as linhas das forças regulares e lançou um manifesto injuriando Giolitti e Cavallotti. — Rádio.

D'Annunzio ferido?

PARIS, 28. — Segundo informações italianas, travaram-se combates em torno de Fiume, tomando parte na acção a esquadra italiana, que fez fogo sobre a cidade. Diz-se que um projectil teria atingido o palácio do comando de Fiume e ferido D'Annunzio. — Rádio.

Federação de Calçado, Couros e Peles

Uma exortação aos sindicatos da indústria

Reúni a comissão administrativa deste organismo, que tomou conhecimento de ofícios dos Manufactores de Calçado do Porto, Manufactores de Lisboa, Curtidores de Alcanena e Fabricantes de Calçado de Vila do Conde. Resolheu, depois de lamentar a demora dos sindicatos em responder aos ofícios-circulares enviados no mês p. p., promover a publicação desses ofícios na «Batalha», para que os referidos sindicatos de novo tomem conhecimento e respondam com a urgência que o assunto exige, pois que devendo reunir o conselho no dia 3 de Janeiro, deve então resolver-se quais os sindicatos que perderam a sua representação por falta de cumprimento dos seus deveres, o que poderão evitar desde que regularizem a sua situação.

Mais resolveu instar com os sindicatos para que respondam ao inquérito da Federação, pois que até à data só responderam as Associações dos Fabricantes de Calçado do Funchal, Curtidores de Alcanena e Manufactores de Calçado de Évora.

A seguir se reproduzem os ofícios referidos:

Camaradas. — A organização viveu até à realização do congresso de Coimbra de uma forma atroz, a qual, o que dá em resultado os diferentes organismos não podem exercer a sua acção, como lhes compete. Para obviar a tal, incoerência, realizou-se o congresso de Coimbra, em que foi estabelecida uma nova forma de organização e respectiva constituição a garantir a recíproca necessidade para bem se desempenhar da sua missão. Acontece, porém, que os sindicatos — muito deles — não tem correspondido com os seus deveres para com os or-

Funcionalismo público

Numa reunião realizada em Viana do Castelo são aprovadas as proposições do sindicato

VIANA DO CASTELO, 24. — P. — Com regular concorrência, reuniram hoje, a convite da delegação da respectiva associação de classe, os empregados do Estado que estão prestando serviço neste distrito. A reunião realizou-se numa das salas da Junta Geral do Distrito, tendo presidido o sr. João de Lemos e assistido à mesma dois delegados de Lisboa: Teixeira Danton e Luz Soares.

A discussão e aprovação dos presentes foi submetida uma proposta, que foi aprovada por unanimidade, e cujas conclusões são: — elevação da cota mensal para \$50; promoção de uma cota entre o funcionalismo, a favor do cofre da sua associação e a publicação de um jornal quinzenal órgão da classe.

Também os delegados vindos de Lisboa historiaram o que tem sido a luta mantida pelo organismo associativo, no sentido de conseguir a equiparação de vencimentos e mostrando a necessidade da união de todos os assalariados do Estado, para melhor e mais eficazmente fazerem vingar as suas reivindicações, libertando-se da tutela política que até hoje tem imperado sobre eles, considerando-os como detentores de uma situação de favor, o que realmente sucede a um grande número de funcionários do Estado.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santa António, do hospital de S. José, deu entrada Francisco dos Santos, de 62 anos, carreteiro da fábrica de cereja da Trindade e residente na rua de Mourão, 31, 5.º, que na rua das Janetas Verdes, caiu da carroça que guiava, fracturando a perna esquerda.

NO BARREIRO

Uma imponente reunião da classe ferroviária

No teatro Cine-Barreirense realizou-se, no passado dia 24, uma imponente assembleia dos ferroviários do Sul e Sueste. O teatro estava repleto e o aspecto da assistência mostrava bem que a energia combativa se não extinguiu ainda na alma daqueles trabalhadores.

Abriu a sessão o camarada Joaquim de Figueiredo, que expôs à assembleia os fins para que havia sido convocada, tendo depois um ofício da autoridade administrativa em que a reunião ficava autorizada mas impedia de tratar quaisquer assuntos estranhos à ordem dos trabalhos, isto é, qualquer questão que não fosse a nomeação duma comissão com o encargo de prosseguir nas diligências iniciadas junto dos poderes públicos. Propôs seguidamente o camarada José de Freitas para presidir à sessão, o que foi aceite, ficando como secretários os camaradas Luis Ribeiro, fiel, e Custódio José, serralleiro.

Prestadas breves explicações pelo camarada João de Deus Magalhães, a respeito duma comissão que não chegara a entrar em funções, toma a palavra o camarada João Ferreira, que declara falar como ex-ferroviário, principiando por classificar a reunião como uma manifestação de força pacífica, justificando-se esta classificação na forma como todos os camaradas concorreram a esta reunião, visto que depois de uma suposta derrota, não era de esperar uma concorrência desta ordem. Faz um caloroso apelo a todos os camaradas para que se mantenham firmes e unidos em volta da sua Associação de Classe, sendo calorosamente apoiado pela assembleia. Este camarada é em seguida abraçado em nome da Associação de Classe pelo camarada Joaquim Figueiredo, que declara abraçar nele todos os camaradas presos e demitidos.

O camarada José Teodoro Caria, manifestou a sua satisfação por verificar que a classe continua firme, unida e persistente.

Entrando-se na ordem dos trabalhos, o camarada Joaquim Figueiredo justificou e enviou para a mesa uma moção que foi aprovada por unanimidade e é do teor seguinte:

Considerando que pelo actual governo foram feitas afirmações categóricas sobre a situação do pessoal ferroviário no caso de reatarmos o serviço sem condições;

Considerando que este estado de coisas alguma de prática se acha resolvido de maneira a atenuar a situação económica do pessoal ferroviário, que se encontra a braços com a mais crua miséria e não sendo possível continuar essa situação afiliva;

Considerando ainda que nas prisões da República se encontram muitos ferroviários e algumas dezenas demitidos, sem meios para se manterem e a suas famílias, não podendo nem deixar a classe ferroviária esquecer essas camadas, que se sacrificam em defesa dos interesses colectivos;

A classe ferroviária do Sul e Sueste, reunida em assembleia magna, no teatro Cine Barreirense, no dia 24 de Dezembro, resolve:

Saudar todos os camaradas demitidos e presos, considerando a situação de extrema necessidade dos seus recursos, contribuir monetariamente para garantir a suas famílias uma regular assistência, até que a sua situação se defina;

Dar um voto de confiança à comissão pró-ferroviários presos e demitidos, a fim de que ela possa continuar na sua missão humanitária;

Saudar a classe operária organizada, registando os gestos de solidariedade e a luta produzidos em favor dos ferroviários, o incentivo dos detidos e presos;

Ratificar a sua confiança na Comissão Executiva da Associação de Classe para que prosiga nos seus trabalhos de reorganização sindical e como medida de resultados imediatos, nomear uma comissão composta por cinco membros, comissão delegada do pessoal ferroviário do Sul e Sueste, a fim de procederem a uma situação dentro da federação de Janeiro de 1921 em diante.

Para esta federação que o vosso sindicato tenha em consideração o presente ofício, fazendo as requisições acompanhadas com as respectivas importâncias, para assim entrar no caminho da organização sindical que tem necessidade de para a preservação da classe, que parece disposta a desaparecer.

Suaíre e Organização — Jerónimo de Sousa, (secretário geral).

Camaradas. — Serve este para vos participar que, estando a aproximar-se o fim do ano, a comissão administrativa, em conformidade com a resolução do Conselho Federal, resolveu enviar ofícios aos sindicatos para que regularizem a sua situação até 25 de Dezembro, de forma a habilitar a comissão a apresentar o balanço geral do seu movimento durante o ano de 1920, resolvendo mais que os sindicatos regularizem os seus cotas mensalmente, em conformidade com a população associativa, cuja nota nos deve ser fornecida trimestralmente, fazendo acompanhar as requisições da respectiva importância para assim não embargar a escrita e obstar à regular propagação da Federação, Saúde e Organização. — O secretário geral, Jerónimo de Sousa.

Uma imponente reunião da classe ferroviária

Trocaram-se várias explicações a respeito deste documento que é finalmente aprovado por maioria.

Joachim Figueiredo lê em seguida uma carta do camarada Miguel Correa, que é enviada religiosamente, sendo calorosamente secundados os vivos cantos da mesma.

O camarada Cebola propõe que se envie um telegrama à «Batalha», saudando a pela sua nobre atitude durante o movimento findo.

O camarada Figueiredo propõe que seja substituída por uma saudação o telegrama proposto pelo camarada Cebola.

A sessão é seguidamente encerrada.

Congresso Nacional da Indústria Metalúrgica

A comissão organizadora deste Congresso define hoje, às 20 horas, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, a fim de apreciar o expediente ultimamente recebido.

A comissão, vendo a necessidade da imediata constituição da Federação de Indústria, e tendo ainda em conta as dificuldades apontadas por alguns Sindicatos da região do Sul na realização do Congresso no Porto, vai trocar a ideia de realização do Congresso na cidade do Porto e só depois de verificada a falta de recursos de alguns Sindicatos, para fazerem face aos pesados encargos das suas delegações, resolverá realizá-lo em local mais favorável e que seja considerado como centro industrial metalúrgico.

Em qualquer dos casos, tal resolução será tomada de acordo com a zona norte (Porto).

A BATALHA

Coliseu dos Recreios
HOJE — às 21 horas — HOJE
Estreia dos célebres acrobatas de balança
5-CLEMENTES-5
Primoroso e alegre trabalho dos apudados ciclistas
6-EVELYNAS-6
Excepcional numero de contorcionismo pelo «homem do bico» de gaze
BRONZ GROVE
O célebre domador FORTUNIO
4-LEOES-4 **4-LEOES-4**
O audacioso equilibrista LEOPOLDO

Últimas notícias

No Congresso Mobiliário e a Federação Corporativa

(Do nosso enviado especial)

COIMBRA, 28. — Acaba de ser votada a constituição da Federação da Indústria do Mobiliário na segunda sessão do Congresso. Prossegue viva discussão sobre os estatutos, mostrando o Congresso grande interesse. Muitos operários de várias indústrias assistem às sessões, o que revela da parte do proletariado local um evidente empenho em acompanhar os trabalhos.

Na Rússia Vermelha

São requisitadas pelo Estado todas as bibliotecas

LONDRES, 28. — A imprensa bolchevista diz que o governo decretou a proibição da propriedade de livros. Todas as bibliotecas foram requisitadas pelo Estado e é proibido a um indivíduo possuir livros. — Rádio.

O Congresso Socialista de Tours

Opiniões de alguns congressistas desafiadas pela crítica reaccionária do «Temps»

PARIS, 28. — O congresso socialista de Tours marca cada dia uma nova etapa para a scisão — escreve *Le Temps* — a qual se apresenta agora como inevitável. O sr. Leon Salmou tentou fazer a distinção entre o socialismo tradicional e o comunismo. O primeiro, de carácter democrático tende a elevar todos os trabalhadores, e, por isso mesmo, implica a liberdade de pensamento para os seus aderentes, aos quais pede simplesmente para acederem ao triunfo do socialismo está ligado ao fim do capitalismo. O comunismo, pelo contrário, quer constituir um partido fechado onde todo o poder será concentrado numa comissão dirigente à qual todos os organismos estarão subordinados. Com ele, a autonomia das federações desaparecerá mas terá organizações ilegais e clandestinas. A comissão dirigente, oculta não podendo ser designada publicamente, não poderá ser nomeada pela internacional comunista, de modo que o partido francês será dirigido por um poder exterior. Noutros termos mais claros o socialismo francês deverá abdicar perante os ditadores de Moscova, e serão estes últimos que decidirão de sua acção sob o ponto de vista dos interesses puramente franceses.

O que será o partido socialista, ou melhor o partido comunista — pergunta em seguida *Le Temps* — quando aqueles que se não sentem dispostos a uma total servidão, o tenham abandonado?

O sr. Paul Faure citou algumas cifras interessantes. Afirmando que depois das greves do mês passado, a União dos Sindicatos do Sena que contava 292.000 aderentes viu esse número reduzido a 14.000. Quanto à C. G. T. que agrupava 1.500.000 aderentes não conta agora mais que 1.000.000.

A organização do que se diz proletariado consciente e organizado acha-se reduzida a dois terços e isto unicamente porque um dos chefes tentou desencadear uma greve revolucionária. A que efectivo se encontrará ela hoje reduzida, que se quer fazer o exército vermelho do bolchevismo ocidental, nós o sabemos bem depressa. Qualquer que seja a nação, terá o dever de combater com toda a sua energia esta força revolucionária, e esmagá-la antes que ela possa emprender a sua obra de destruição social e nacional.

O sr. Compe Morel disse por seu turno que a confederação geral agrícola conta com 6.700.000 membros prontos a servirem-se das suas espigas para defender o seu pequeno património, fruto das suas economias. Os camponeses não se aciarão só para defender o património comum contra as disciplinas de Lénine, o povo inteiro — conclui *Le Temps* — levantar-se há contra a minoria que queira impor a sua ditadura, pela espoliação, pelo terror e pelo crime. — Rádio.

MÚSICA

Concerto Léa Bach

Para satisfazer pedidos, Léa Bach, a grande artista, realiza no próximo sábado mais um concerto. O programa tem agora uma variante, que há de aumentar o interesse a esta nobre artista. Em junho, com a orquestra dirigida pelo ilustre maestro Fernandes Fão, será executado um concerto de Mozart, obra prima que preenche a primeira parte do outro concerto de Ravel, que formará a 3.ª. Qualquer destas peças deve produzir o melhor dos efeitos, como se calcula. A 2.ª parte é toda executada por Léa Bach.

Concertos Fão

Ainda um belo programa nos anuncia para domingo o Politeama, no concerto da orquestra sinfónica organizada e dirigida pelo maestro Fernandes Fão. A probabilidade artística, a disciplina e coesão da orquestra são uma garantia da execução desse mesmo programa, que pode dizer-se organizado para os melhores e mais autênticos amadores. Hoje diremos apenas que entre as peças que o formam se tocarão a *Euríandis*, de Weber; o *Sigurd Jorsalfar*, de Grieg e os *Cantares Portuguezes*, de David de Sousa.

Festas associativas

S. U. da Construção Civil do Porto
Comemorando o 1.º aniversário da sua fundação, realiza este sindicato no próximo dia 4 de Janeiro, uma sessão solene e ao mesmo tempo de propaganda dos princípios sociais, a qual se efectua no Teatro Carlos Alberto, daquela cidade, pelas 18 horas.

Nesta sessão farão uso da palavra vários camaradas em evidência no movimento operário.

VIDA POLITICA

Centro Socialista do Monte Pardal
Reúne hoje, às 20 horas, na sede, na rua da Graça, 162, 1.º, a assembleia geral para eleição dos corpos gerentes e dos delegados à Federação Municipal Socialista.

As greves

Marítimos de Cezimbra

CEZIMBRA, 25. — C. — Ainda não foi solucionada a greve dos marítimos desta localidade. O sr. Rodrigues, gerente da Sociedade de Pescarias Lisboense mantém-se irredutível. Os carpinteiros e calafates não se tem portado bem para com os seus camaradas em luta.

A sua solidariedade deixa muito a desejar, o que tem desgastado os grevistas, que apesar de tudo estão firmes e confiantes na vitória.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — Reúni ontem a comissão de auxílio aos presos da construção civil. Aprecia vários trabalhos a encetar e recebe a quantia de \$450 do camarada Raul Marques para auxílio dos ditos camaradas. Esperando a resposta do ofício enviado ao Sindicato do Sueste, para assim dar o andamento que o assunto carece para, portanto, aquele sindicato que responda o mais breve possível.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Comissão Melhoramentos. — Reúni ontem extraordinariamente a assembleia em grande crise de trabalho que se avizinha em consequência das propostas de finanças, essas que se aprovaram a reunião de todas as secções profissionais, conselho técnico e representantes da federação, a qual se efectua na próxima sexta-feira a fim de se resolver o problema da maneira de evitar que a crise de trabalho seja um facto.

Secção dos pintores. — Reúni ontem, dando despacho a vários expedientes. Resolveu dar uma assembleia geral no mais curto espaço de tempo para entregar o mandato da direcção do corrente ano.

Secção de Pedreiro. — Reúni ontem aprovando novos sócios. Está de acordo com o futuro com o da indústria para evitar a crise que se aproxima.

Resolveu reunir na próxima sexta-feira com a Comissão de Melhoramentos.

Oficiais da Marinha Mercante. — A Comissão de Melhoramentos da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante, em reunião de ontem resolveu aumentar o número de reuniões por semana a fim de ultimar os seus trabalhos referentes à proposta sobre a frota mercante do estado, que deve ser apresentada dentro em breve.

Ocupou-se ainda de outros assuntos de carácter reservado.

Operários Alfaiates. — Reúni a direcção de trabalho, expediente, entre outros um ofício da C. G. T. e outros dos ferroviários do Sul e Sueste em que apela para a nossa solidariedade, resolvendo não deixar que o publico receba com bom patente agrado e já hoje se estreia um outro numero sensacional que consta dos célebres acrobatas de balança — 5 Clementes — que no Circo Royal de Bruxelas obtiveram um pleno triunfo. O espectáculo de hoje é, pois, primoroso, porque dele fazem parte os célebres ciclistas 6 Evelynas; o admirável contorcionista Bronz Grove, o «homem do bico de gás», o arrojado domador Fortunio e o audacioso equilibrista de trapecio Leopoldo.

Manufactores de Calçado. — Reúni a comissão administrativa, que entre outros assuntos de expediente, resolveu convidar todos os sócios deste sindicato que se encontram em atraso para se por em dia até ao fim do presente mês a fim de não criar embargos para o novo ano.

CONVOCAÇÕES

Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil. — Secção dos Cantoneiros e Polidores de Marmore. — São convidados a reunir hoje em assembleia geral, pelas 20 horas, todos os componentes desta classe com a seguinte ordem de trabalhos: tratar da construção do monumento ao Marquês da Penha; aumento de salário para os cantoneiros das obras do Estado; eleição dos corpos gerentes para o ano de 1921 e ainda abertura da obra do novo Manicómio de Lisboa.

Pede-se, portanto, a comparença de todos os associados, impondo-se a consciência de cada um a importância dos assuntos a tratar.

Sindicato Mobiliário. — Comissão administrativa. — Para assunto de urgência, convide-se a comparecer hoje pelas 20 horas o camarada tesoureiro da última comissão administrativa da Indústria do Mobiliário.

Pessoal Maior dos Correios e Telégrafos. — A requisição de 21 sócios nos termos da alínea e) do artigo 27.º dos estatutos, é convocada a assembleia geral para a classe sindical em assembleia geral com o seguinte ordem de trabalhos: 1.º leitura do relatório e contas da gerência do ano anterior; 2.º eleição dos novos corpos gerentes para o ano futuro; 3.º diversos assuntos.

Litógrafos e Anexos. — Reúni hoje, pelas 20 horas, em segunda convocação, a classe sindical em assembleia geral com o seguinte ordem de trabalhos: 1.º leitura do relatório e contas da gerência do ano anterior; 2.º eleição dos novos corpos gerentes para o ano futuro; 3.º diversos assuntos.

Operários da Limpeza e Sanidade Pública. — Reúni hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral para apreciar a seguinte ordem de trabalhos: Resolver sobre assuntos provenientes da recente greve, eleição dos corpos gerentes, apresentação de contas e tratar de outros assuntos de importância.

Azulejadores e Ladiladores. — Reúni a assembleia geral no dia 31, pelas 18 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: nomeação dos corpos gerentes para 1921 e tratar de outros assuntos de interesse.

Operários Cartãozeiros. — Pede-se a comparença de todos os componentes da indústria na quinta-feira, 30 do corrente, para apreciar a resposta dos srs. Industriais às reclamações da classe.

LEIAM!!!

No intuito de corresponderem ao bom acolhimento tido pela sua casa, os proprietários da

Sapataria Lealdade

482, RUA DE S. BENTO, 482-A
resolveram conceder durante este mês, a todos os leitores deste jornal, o seguinte bonus:

VALE \$500
de abatimento numa compra de calçado, a dinheiro, feita em Dezembro de 1920, na Sapataria Lealdade, Rua de S. Bento, 482.

1 escudo = \$5000 réis
de abatimento UNICO dos leitores de A BATALHA.

ALBERTINO LOPES

Manufaturador de calçado. Rua Gomes Freire, 150, r/c.

Vapor BOLAMA

Saíra no dia 4 de Janeiro para Sines, Lagos, Portimão, Albufeira, Faro e Olhão.

Vapor BEIRA

Saíra no dia 7 de Janeiro para Madeira, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira e Mocimboim; e para Inhambane, B. Dias Chinde, Quelimane, Angoche, P. Amelia, Ibo, e Tungeue com trasbordor.

Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos dirigir-se aos escritórios da Companhia Nacional de Navegação.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO

Durante o prazo de 30 dias, contados desde a data do presente anúncio, está aberto concurso para a concessão do exclusivo da instalação, nas estações desta Companhia, de móveis-bibliotecas para venda de livros e outros artigos de utilidade para os passageiros.

As bases do concurso estão patentes no Serviço do Tráfego desta Companhia, editado da estação de Lisboa (Cais dos Soldados), onde se prestam todos os esclarecimentos, das 10 às 15 e das 14 às 17, em todos os dias úteis.

Os concorrentes deverão entregar no referido Serviço do Tráfego as suas propostas em carta fechada.

Lisboa, 28 de Dezembro de 1920. — O Director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A BATALHA

NA PROVINCIA NOS ARREDORES

VIANA DO CASTELO, 20.

A «resistência» dos caixeiros — Espectáculo ridículo

Os empregados no comércio desta cidade metem mestre de dança, e ao som de flautim, dão lições todas as noites, dizem-nos, que não tivemos ocasião de apreciar. Ora em vez de aprenderem a dançar com o velho Pires, barbeiro, não seria melhor dançar com os patrões durante aquelas horas que trabalham a mais, além das oito? Uma casa onde se joga a dinheiro, se vende vinho e se dança, não é uma associação operária?

Ontem, na ocasião em que tocava, no jardim público, a banda de infantaria 5, foram os assistentes surpreendidos com um espectáculo bastante ridículo. Alguns guardas republicanos, maltrapilhos, não se contentando, andavam a caça dos rapazes. Rapaz que avistavam, perseguiam-no, prendendo-o. Andavam as correrias, rapazes e guardas. O pretexto era falta à escola militar preparatória. O tenente ia-se distraíndo da missão, porque... perseguiu uma menina. Os rapazes presos eram quasi todos descalços e esfarrapados. Não tinham também no jardim filhos de ricos? Um rapaz perguntou ao tenente porque não pegava o mano, mas fez ouvidos de mercador. Os rapazes estiveram presos até hoje e receberam 20 centavos. — C.

TEATROS & CINEMAS

Reclamos

Em despedida vai hoje à scena no Nacional a linda peça *A Pecadora*, que tem grande êxito. O publico recebe com bom patente agrado e já hoje se estreia um outro numero sensacional que consta dos célebres acrobatas de balança — 5 Clementes — que no Circo Royal de Bruxelas obtiveram um pleno triunfo. O espectáculo de hoje é, pois, primoroso, porque dele fazem parte os célebres ciclistas 6 Evelynas; o admirável contorcionista Bronz Grove, o «homem do bico de gás», o arrojado domador Fortunio e o audacioso equilibrista de trapecio Leopoldo.

Amunha, realiza-se no teatro Apolo, com o sempre aplaudido *Burro em pé*, uma peça dedicada pela empresa ao professor de indumentaria Manuel Castelo Branco, cujo artistico guarda-roupa tanto tem contribuído para o grande êxito da já célebre peça.

Estão sendo sucessivas as estreias no Coliseu dos Recreios. Ainda na segunda-feira se fez a estreia dos dois numeros novatos que no Circo Royal de Bruxelas obtiveram um pleno triunfo. O espectáculo de hoje é, pois, primoroso, porque dele fazem parte os célebres ciclistas 6 Evelynas; o admirável contorcionista Bronz Grove, o «homem do bico de gás», o arrojado domador Fortunio e o audacioso equilibrista de trapecio Leopoldo.

CARTAZ DO DIA

S. CARLOS — A's 21 — «Paueto».
NACIONAL — A's 15 — «A Pecadora».
SÃO LUIZ — A's 21 — «A Leitura d'Entre Arvores».
GINÁSIO — A's 21 — «A Gerra».
POLITEAMA — A's 21 — «O Corvo cego».
TRINDADE — A's 21 — «Amor Supremo».
AVENIDA — A's 21 — «Malvaloucas».
S. CARLOS — A's 21 — «Bom dia, revista».
APOLO — A's 21 — «Burro em pé, revista».

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas

Companhia de Circo, ginástica, acrobática e comédia.
A's 14 horas, matiné.
SALAO FOZ — A's 19,30 — Companhia de variedades.

QIL VICENTE — Hoje — «Miss Olga».
Variedades e Animatografos — Sábados: Olimpia, Central, Condes, Chiado Terraces, Amora, Trindade, Promotora, Portugal, e Cine Paris, Ideal e Chantecier.

LEIAM!!!

No intuito de corresponderem ao bom acolhimento tido pela sua casa, os proprietários da

Sapataria Lealdade

482, RUA DE S. BENTO, 482-A
resolveram conceder durante este mês, a todos os leitores deste jornal, o seguinte bonus:

VALE \$500
de abatimento numa compra de calçado, a dinheiro, feita em Dezembro de 1920, na Sapataria Lealdade, Rua de S. Bento, 482.

1 escudo = \$5000 réis
de abatimento UNICO dos leitores de A BATALHA.

ALBERTINO LOPES

Manufaturador de calçado. Rua Gomes Freire, 150, r/c.

Vapor BOLAMA

Saíra no dia 4 de Janeiro para Sines, Lagos, Portimão, Albufeira, Faro e Olhão.

Vapor BEIRA

Saíra no dia 7 de Janeiro para Madeira, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira e Mocimboim; e para Inhambane, B. Dias Chinde, Quelimane, Angoche, P. Amelia, Ibo, e Tungeue com trasbordor.

Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos dirigir-se aos escritórios da Companhia Nacional de Navegação.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO

Durante o prazo de 30 dias, contados desde a data do presente anúncio, está aberto concurso para a concessão do exclusivo da instalação, nas estações desta Companhia, de móveis-bibliotecas para venda de livros e outros artigos de utilidade para os passageiros.

As bases do concurso estão patentes no Serviço do Tráfego desta Companhia, editado